

Vulnerabilidade e comportamentos de risco à saúde em jovens universitários

Prevalence of health risk behaviors in university students

Prevalencia de comportamientos de riesgo para la salud en estudiantes universitarios

Recebido: 07/02/2022 | Revisado: 14/02/2022 | Aceito: 17/02/2022 | Publicado: 26/02/2022

Juliana Carline Abreu Martins Costa

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2727-9705>

Universidade Federal do Maranhão, Brasil

E-mail: juliana.carline@discente.ufma.br

Líscia Divana Carvalho Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3624-6446>

Universidade Federal do Maranhão, Brasil

E-mail: liscia.divana@ufma.br

Flávia Danyelle Oliveira Nunes

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7771-8369>

Universidade Federal do Maranhão, Brasil

E-mail: flavia.danyelle@ufma.br

Patrícia Ribeiro Azevedo

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7726-1063>

Universidade Federal do Maranhão, Brasil

E-mail: patricia.azevedo@ufma.br

Claudionete Abreu Costa

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4382-7855>

Universidade Federal do Maranhão, Brasil

E-mail: claudionete.abreu@ufma.br

Resumo

Objetivo: Verificar os comportamentos de risco à saúde em universitários de uma instituição pública, do nordeste do Brasil. **Método:** Estudo transversal, a amostra foi composta de cinquenta e dois (52) universitários. Os dados foram coletados nos meses de outubro e novembro de 2017 por meio do questionário validado Youth Risk Behavior Survey (YRBS). **Resultados:** Apresentaram peso corporal normal (67,3%), sendo (11,7%) obesos e (65,4%) sedentários. Consumiam bebida alcoólica (80,8%) e 21 (40,4%) cigarros. A idade de 17 anos ou mais foi a mais frequente para o início do etilismo 27 (51,9%) e tabagismo 11 (21,2%). Afirmaram sentir-se seguros na universidade 46 (88,5%) e a maioria 47 (90,4%) negou ter sido ameaçado ou agredido no ambiente universitário. **Conclusão:** Reconhece-se a necessidade de políticas de saúde na adoção de hábitos de vida mais saudáveis para prevenção de doenças e melhor qualidade de vida entre universitários.

Palavras-chave: Promoção da saúde; Fatores de risco, Estudantes.

Abstract

Objective: To verifying health risk behaviors in university students of a public institution in northeastern Brazil. **Method:** This cross-sectional study consisted of fifty-two (52) university students. Data were collected in October and November 2017 through the validated Youth Risk Behavior Survey (YRBS). **Results:** They presented normal body weight (67.3%), being (11.7%) obese and (65.4%) Sedentary. They consumed alcohol (80.8%) and 21 (40.4%) Cigarettes. The age of 17 years or more was the most frequent for the onset of alcohol consumption 27 (51.9%) and smoking 11 (21.2%). They stated that they felt safe at the university 46 (88.5%) and most 47 (90.4%) denied having been threatened or assaulted in the university environment. **Conclusion:** It is recognized the need for health policies in the adoption of healthier life habits for disease prevention and better quality of life among university students.

Keywords: Health promotion; Risk factors, Students.

Resumen

Objetivo: Verificar las conductas de riesgo para la salud en estudiantes universitarios de una institución pública del nordeste de Brasil. **Método:** Este estudio transversal estuvo conformado por cincuenta y dos (52) estudiantes universitarios. Los datos se recopilaban en octubre y noviembre de 2017 a través de la Encuesta de Comportamiento de Riesgo Juvenil (YRBS). **Resultados:** Presentaron peso corporal normal (67,3%), siendo (11,7%) obesidad y (65,4%) Sedentarios. Consumieron alcohol (80,8%) y 21 (40,4%) Cigarrillos. La edad de 17 años o más fue la más frecuente para la aparición del consumo de alcohol 27 (51,9%) y fumar 11 (21,2%). Declararon que se sentían seguros en la universidad 46 (88,5%) y la mayoría de los 47 (90,4%) denegado haber sido amenazado o agredido en el entorno universitario. **Conclusión:** Se reconoce la necesidad de políticas de salud en la adopción de hábitos de vida más saludables para la prevención de enfermedades y una mejor calidad de vida.

Palabras clave: Promoción de la salud; Factores de riesgo; Estudiantes.

1. Introdução

A vulnerabilidade se configura em uma dinâmica de interdependências recíprocas que exprimem valores multidimensionais – biológicos, existenciais e sociais. Uma situação de vulnerabilidade restringe as capacidades relacionais de afirmação no mundo, incluídas as formas de agência social, gerando fragilização. A existência humana é frágil porque é finita, mas, além disso, está imersa em permanentes processos de enfraquecimento e comportamentos consubstanciais. Captar esta complexidade é um desafio tanto pelas implicações práticas no âmbito clínico ou da saúde pública quanto pelos desafios da crítica geral das instituições sociais contemporâneas, ancoradas em um projeto biopolítico (Oviedo, 2017).

Comportamentos de risco são comportamentos que podem ser considerados como potencialmente capazes de ameaçar à saúde, influenciando o desenvolvimento de problemas, especialmente, metabólicos, cardiovasculares, comportamentais e a qualidade de vida (Gasparotto, 2013). Adolescentes e indivíduos em idade jovem compõem um importante grupo vulnerável a situações de exposição a comportamentos de risco.

Apesar dos universitários da área da saúde ter acesso as informações específicas, essa situação parece não determinar práticas saudáveis, pois os mesmos relatam que nem sempre conseguem transpor para suas próprias vidas e permanecem adotando hábitos e estilos prejudiciais, descuidando da própria saúde (Paro, 2013). Estudos relacionados aos comportamentos de saúde entre jovens universitários são fundamentais, sugere-se, pois, que novos padrões de comportamentos de saúde tornem-se uma realidade a ser trabalhada pela universidade (Faria, 2014).

A juventude compreende acontecimentos relevantes e nessa fase tendem a querer alcançar estabilidade no âmbito profissional, nas relações pessoais e sociais, tornando-os vulneráveis a situações de consumismo contemporâneo, influenciadas pela rotina diária com práticas que poderão refletir na sua saúde (Moreira, 2020).

Há necessidade de se ampliar os debates sobre estilo de vida e comportamentos de risco, de forma explícita e integrada entre jovens nas atividades de ensino, pesquisa e extensão em todos os cursos (Bottan, 2021). O objetivo do estudo foi verificar os comportamentos de risco à saúde em universitários de uma instituição pública.

2. Metodologia

Estudo transversal de abordagem quantitativa realizado numa universidade pública, do nordeste do Brasil. A coleta de dados foi realizada entre os meses de outubro e novembro de 2017.

Estudos transversais objetivam levantar questões relacionadas à presença de uma associação e permitem estimar a prevalência de uma doença e estimativa da associação entre os indivíduos expostos comparados aos não expostos. São também denominados estudos de prevalência. (Freire & Pattussi, 2018).

Compuseram o estudo cinquenta e quatro (54) estudantes do Curso de Graduação em Enfermagem, sendo vinte (20) universitários do 9º período e trinta e quatro (34) do 10º período. Dois estudantes recusaram-se a participar da pesquisa, sendo a amostra constituída por cinquenta e dois (52) universitários, os quais foram convidados a participar da pesquisa após uma exposição previa dos objetivos e da metodologia, sendo agendada até três tentativas de resgate.

Os dados foram coletados por meio do questionário validado Youth Risk Behavior Survey (YRBS) que tem como objetivo avaliar comportamentos de risco, e de saúde e percepção do envolvimento com a família, amigos e universidade. O YRBS é um instrumento de auto-resposta desenvolvido nos Estados Unidos pelo Center for Disease Control and Prevention (CDC) e validado em vários países com média no teste de confiabilidade pelo índice Kappa no valor de 68,6%, apontando elevada reprodutibilidade dos itens (Guedes, 2010).

O peso corporal foi avaliado por meio do índice de massa corporal (IMC), a partir da altura e peso autodeclarado pelo universitário, sendo considerado com Baixo Peso: $IMC < 20 \text{ Kg/m}^2$, Normal: $IMC: 20 \text{ a } 24,99 \text{ Kg/m}^2$, Sobrepeso: $25 \text{ a } 29,99 \text{ Kg/m}^2$, Obesidade: $30 \text{ a } 39,99 \text{ Kg/m}^2$ e Obesidade grave: 40 Kg/m^2 (Rezende, 2005). Para a avaliação da atividade física, foi

considerado ativo, ou seja, não sedentário, aquele universitário que pratica qualquer atividade física duas (2) vezes por semana, por pelo menos 60 minutos. Entretanto, aquele que não realiza nenhuma atividade ou abaixo de duas (2) vezes na semana, foi considerado inativo ou sedentário (Malachias, 2016).

Para análise dos dados foi realizada a aplicação da estatística descritiva, estabelecendo-se a prevalência dos fatores de risco associados à adoção de comportamento indesejado, além do processamento de dados. Foram respeitados todos os preceitos éticos para o desenvolvimento do estudo, tendo recebido parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), nº 2.249.380.

3. Resultados e Discussão

Houve predominância de mulheres 39 (75%), jovens de 24 a 25 anos (44,2%), cor branca 29 (55,7%) com peso corporal normal 35 (67,3%). Nenhum universitário apresentava obesidade mórbida, entretanto, 6 (11,7%) eram obesos e alguns relataram medidas inadequadas para perda de peso como o uso de laxantes e indução de vômitos.

A frequência de jovens brancas foi semelhante a outras pesquisas que apresentaram médias etárias acima de 22 anos (Pires, 2016 & Bottan, 2021). Entre os jovens as comidas não saudáveis mais ingeridas são biscoitos e refrigerantes. Evidências apontam para a coexistência de gordura saturada e açúcares livres no padrão de consumo da população brasileira, tornando-a suscetível a fatores de risco cardiovascular como dislipidemia, diabetes e obesidade (Claro, 2015).

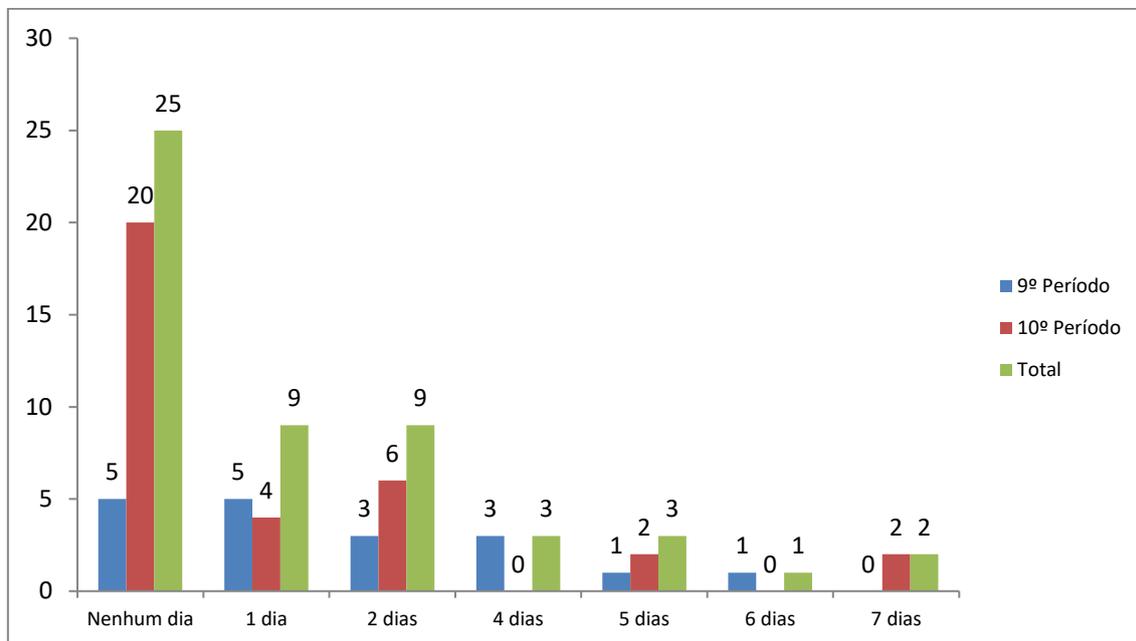
Reconhece-se que os períodos mais críticos para o desenvolvimento da obesidade estão na primeira infância, durante a forte oscilação na trajetória da adiposidade corporal, que ocorre entre os cinco e sete anos e na adolescência (Florêncio, 2019) e, a busca incansável dos jovens pelo corpo magro e perfeito reflete os padrões impostos pela sociedade, tornando-os mais susceptíveis as circunstâncias que favorecem diferentes alterações orgânicas e psicológicas, que pode levar ao desencadeamento de transtornos alimentares (Nascimento, 2010).

Sabe-se que a insatisfação com a imagem corporal, entendida como um sentimento negativo que a pessoa tem em relação ao seu peso e à sua forma corporal, é um aspecto importante para o diagnóstico de alguns transtornos alimentares, como a anorexia e a bulimia nervosa, o que se faz necessário a atenção a essa população que manifesta indicativo de tal comportamento (Carvalho, 2013).

O Gráfico 1 refere-se ao comportamento dos estagiários do Curso de Enfermagem da UFMA em relação a atividade física de pelo menos sessenta minutos nos últimos sete dias.

–Comportamento Atividade física

Gráfico 1 – Comportamento atividade física de pelo menos sessenta minutos nos últimos sete dias dos universitários do Curso de Enfermagem da UFMA. São Luís – MA, 2017



Fonte: Elaborada pelos autores (2017).

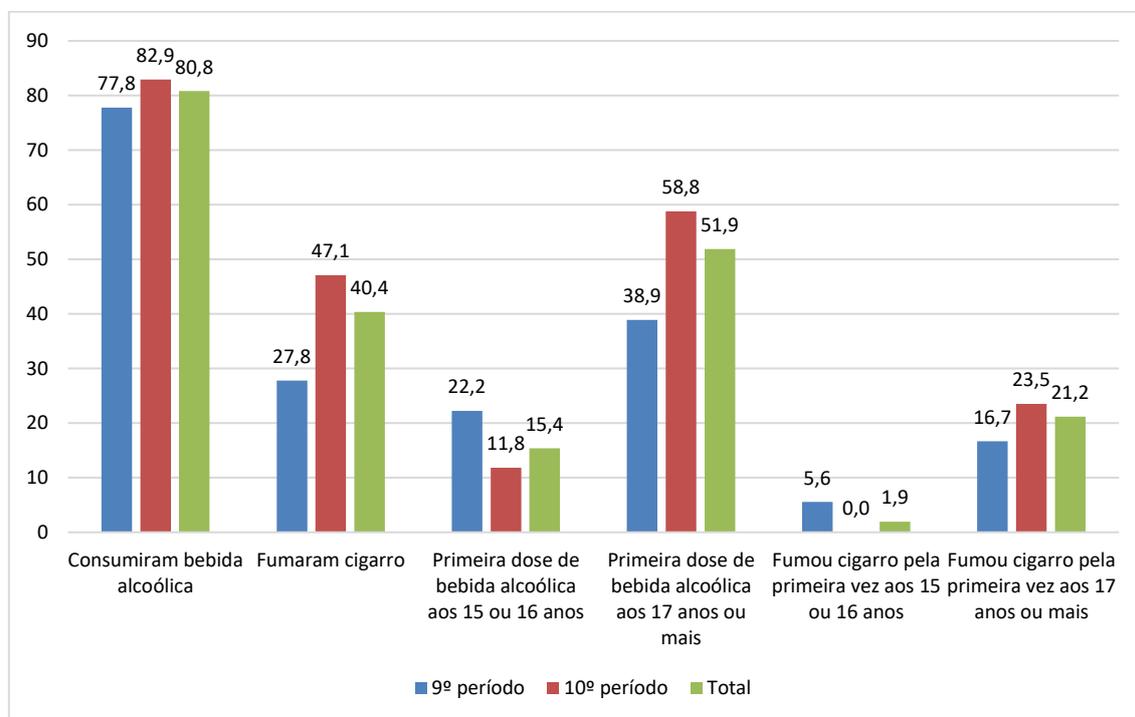
Mais da metade da amostra foi sedentária, ou seja, não realiza nenhuma atividade ou realiza atividade menos de duas vezes na semana 34 (65,4%), sendo 10 (19,3%) do 9º período e 24 (46,1%) do 10º período. Apenas 18 (34,6%) são considerados ativos, ou seja, realizam atividade física por pelo menos dois dias, sendo oito (15,4%) universitários do 9º período e 10 (19,2%) do 10º período (Gráfico 1).

Evidências sugerem que níveis insuficientes de atividade física estão diretamente associados ao aumento do risco de desenvolvimento de doença cardiovascular. Os benefícios da prática regular de atividade física para a saúde estão bem documentados, sendo inquestionáveis seus efeitos positivos em aspectos físicos, sociais e mentais (Pinto, 2019). Apesar dos universitários terem acesso facilitado aos conhecimentos sobre a saúde durante a jornada acadêmica, ainda são elevadas as prevalências da inatividade física, tanto a nível nacional quanto internacional adotando um comportamento preocupante (Sousa, 2011). Observou-se, no presente estudo, que os universitários classificados como sedentários apresentavam maior incidência de acometimento físico, tabagismo e consumo de álcool.

O Gráfico 2 refere-se ao comportamento dos estagiários do Curso de Enfermagem da UFMA em relação ao consumo de álcool e cigarro, nos últimos 30 dias.

– Comportamento consumo de álcool e cigarro

Gráfico 2 – Comportamento consumo de álcool e cigarro dos estagiários do Curso de Enfermagem da UFMA, nos últimos 30 dias. São Luís – MA, 2017.



Fonte: Elaborada pelos autores (2017).

Uma amostra significativa dos universitários do 9º e 10º períodos verbalizaram o consumo bebida alcóolica 42 (80,8%) e de cigarros 21(40,4%). A idade de 17 anos ou mais foi a mais frequente para o início de ambos os hábitos, sendo 27 (51,9%) para o etilismo e 11 (21,2%) para o tabagismo (Gráfico 2). Chama-se atenção aqueles que relataram a utilização de cinco ou mais doses de bebida alcóolica em uma mesma ocasião, nos últimos 30 dias, sendo aqueles que fizeram uso em 1 dia – 12 (23,1%), em 2 dias – 8 (15,4%), 3 a 5 dias – 3 (5,8%) e 6 a 9 dias – 2 (3,8%).

O ambiente universitário possibilita diversas oportunidades para o consumo do tabaco, a exemplo das frequentes festas e ainda pelo estresse, ansiedade e depressão. Apesar dos universitários da área da saúde possuir maior conhecimento acerca dos danos que o uso de tabaco pode causar o conhecimento dos malefícios do tabaco não se relaciona ao abandono do consumo (Alves, 2021).

O álcool foi inserido na vida dos jovens em idade precoce através da família e dos amigos (Camargo, 2017). O consumo excessivo de álcool é um padrão recorrente entre universitários, que pode acarretar inúmeros prejuízos, dentre eles, a queda no desempenho acadêmico; prejuízo no desenvolvimento de habilidades cognitivo-comportamentais e emocionais; danos ao patrimônio público e exposição a comportamentos de risco (Hultgren, 2014).

O Quadro 1 refere-se ao comportamento, entre os estagiários do Curso de Enfermagem da UFMA de andar em carro ou outro veículo dirigido por uma pessoa alcoolizada e pilotar carro ou outro veículo alcoolizado.

Quadro 1 - Comportamento de andar em carro ou outro veículo dirigido por pessoa alcoolizada e pilotar carro ou outro veículo alcoolizado, em estagiários do Curso de Enfermagem da UFMA, nos últimos 30 dias. São Luís – MA, 2017.

Variável	N	%
Andar em carro ou outro veículo dirigido por pessoa alcoolizada	22	42,3
Pilotar carro ou outro veículo alcoolizado	12	23,1
Não dirigiu alcoolizado	40	76,9

Fonte: Elaborada pelos autores (2017).

Observa-se no Quadro 1 que os universitários que andaram em um carro ou outro veículo dirigido por pessoa alcoolizada obteve um total de 22 (42,3%), e 12 (23,1%) afirmaram ter pilotado um carro ou outro veículo alcoolizado.

Quando se compara ainda o álcool com o cigarro, pode-se inferir que, para a obtenção do prazer e da felicidade, os jovens universitários elegem o álcool como a droga de escolha para minimizar a pressão cotidiana. Consumir bebida alcoólica faz parte da rotina desses jovens, o que se torna preocupante uma vez que esse consumo pode estabelecer uma linha tênue entre o consumo recreativo e a dependência. O hábito etilista concomitantemente com a ação de pilotar um veículo gera a predominância de comportamento de risco, podendo ocasionar a falta de segurança no trânsito em estudantes e/ou em possíveis vítimas (Martins, 2015).

A Tabela 1 refere-se ao comportamento violência dos estagiários do Curso de Enfermagem da UFMA.

Tabela 1 – Comportamento violência dos estagiários do Curso de Enfermagem da UFMA. São Luís – MA, 2017.

Variável	N	%
Número de dias que não foi à universidade por insegurança na universidade ou no seu deslocamento para a mesma nos últimos 30 dias.		
Nenhum dia	46	88,5
1 dia	2	3,8
2 ou 3 dias	4	7,7
Número de vezes que foi ameaçado ou agredido com arma branca ou de fogo na universidade nos últimos 12 meses.		
Nenhuma vez	47	90,4
1 vez	5	9,6
Número de vezes que foi roubado ou teve algo de sua propriedade danificada na universidade.		
Nenhuma vez	46	88,5
1 vez	6	11,5
TOTAL	52	100

Fonte: Elaborada pelos autores (2017).

Quarenta e seis (88,5%) dos universitários afirmam sentir-se seguros na universidade no último mês, entretanto, 6 (11,5%) deixaram de frequentar a universidade por insegurança. No que se refere ao último ano, a maioria 47 (90,4%) negou ter sido ameaçado ou agredido com arma, sendo que 5 (9,6%) afirmam que já foram, por uma vez, vítimas de agressão e tiveram seus pertences furtados no ambiente universitário, como celular, dinheiro, joias, moto e objetos dentro do carro 6 (11,5%), como demonstrado na Tabela 1.

Comportamentos e atos violentos ocorrem em muitas instituições, incluindo as universidades, produzindo danos, absenteísmo, ferimentos e até mesmo mortes. No entanto, no contexto nacional, há poucos estudos que fornecem evidência ao conhecimento sobre essa violência estudantil, pois a maioria da investigação centra-se na violência causada por conflitos armados e crimes comuns (Magnavita, 2016). Considerando o papel das universidades e sua importância na transformação da realidade social e qualidade de vida, e ainda na formação em saúde, destaca-se a urgência do desenvolvimento de ações preventivas e promoção de relacionamentos saudáveis entre os jovens universitários (Simões, 2019).

4. Conclusão

Reconhece-se a necessidade de políticas de saúde na adoção de hábitos de vida mais saudáveis para prevenção de doenças e melhor qualidade de vida.

Como limitações do estudo ressalta-se a amostra reduzida, ou seja, universitários no último ano do curso. Sugere-se, portanto, que a proposta de pesquisa seja ampliada ao processo de formação nos períodos iniciais, assim como, a outras realidades e localidades.

Referências

- Oviedo, R. A. M. & Czeresnia, D. O. (2015). Conceito de vulnerabilidade e seu caráter biossocial. *Interface*, 19(53): 237-49. <http://www.scielo.br/pdf/icse/v19n53/1807-5762-icse-1807-576220140436.pdf>.
- Gasparotto, G. S., Gasparotto, L. P. V., Rossi, L. M., Moreira, N. B. & Bontorin, M. S. (2013). Associação entre o período de graduação e fatores de risco cardiovascular em universitários. *Revista Latino-Americana. Enfermagem*; 21(3):1-8. http://www.scielo.br/pdf/rlae/v21n3/pt_0104-1169-rlae-21-03-0687.pdf.
- Paro, C. A. & Bittencourt, Z. Z. L. C. (2013) Qualidade de Vida de Graduandos da Área da Saúde. César Augusto. *Revista Brasil. Educa. Médica*, 37 (3), 365-75. <http://www.scielo.br/pdf/rbem/v37n3/09.pdf>.
- Faria, Y. O., Gandolfi, L. & Moura, L. B. A. (2014). Prevalência de comportamentos de risco em adulto jovem e universitário. *Acta Paulista de Enfermagem*. 27 (6), 591-5.
- Freire, M. C. M. & Pattussi M. P. (2018). Tipos de estudos., C. *Metodologia científica*. Ciência, ensino e pesquisa. (3a ed.), Artes Médicas, 109-127.
- Moreira, T. M. M., Gomes, E. B. & Santos, J. C. (2020). Fatores de risco cardiovasculares em adultos jovens com hipertensão arterial e/ou diabetes mellitus. *Revista. Gaúcha de Enfermagem*. 31 (4), 662-669. <http://www.scielo.br/pdf/rge/v31n4/a08v31n4.pdf>.
- Bottan, E. R., Gislou, L. C., Paes, S. S. P. & Nunes, J. L. (2021). Comportamentos de risco à saúde e formação acadêmica em uma universidade comunitária de santa catarina, *Prev. Saúde.Com*; 17(4), 2410-2419. <https://periodicos2.uesb.br/index.php/rsc/article/view/8350/6533>.
- Guedes, D. P. & Lopes, C. C. (2010). Validação da versão brasileira do Youth Risk Behavior Survey 2007. *Revista de Saúde Pública* 44 (5), 840-50. <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v44n5/1311.pdf>
- Rezende J de. (2005) Obstetrícia. (10a ed.), Guanabara.
- Malachias M. V. B., Souza, W. K. S. B., Plavnik, F. L., Rodrigues, C. I. S., Brandão, A. A. & Neves, M. F. T (2016). Diretriz Brasileira de Hipertensão, *Sociedade Brasileira de Cardiologia* 107 (3): Supl. 3.
- Pires, C. G. S. & Mussi, F. C. (2016) Excesso de peso em universitários ingressantes e concluintes de um curso de enfermagem. *Escola Anna Nery*; 20(4):e20160098. <http://www.scielo.br/pdf/ean/v20n4/1414-8145-ean-20-04-20160098.pdf>.
- Claro, R. M., Santos, M. A. S., Oliveira, T. P., Pereira, C. A., Szwarcwald, C. L., Malta, C. A. (2015). Consumo de alimentos não saudáveis relacionados as doenças crônicas não transmissíveis no Brasil: Pesquisa Nacional de Saúde. *Epidemiologia. Serv. Saúde*, 24(2): 257-265. <http://www.scielo.br/pdf/ress/v24n2/2237-9622-ress-24-02-00257.pdf>.
- Florêncio, R. S., Moreira, T. M. M. (2019). Fatores clínico-comportamentais associados ao excesso ponderal em adultos jovens estudantes. *Revista de Enfermagem UERJ*, Rio de Janeiro, 2019; 27:e3867. <file:///C:/Users/LISCIA/Downloads/38673-145322-2-PB.pdf>.
- Nascimento, A. L., Moreira, M. M., Luna, J. V. & Fontenele, L. F. (2010). Comorbidade entre transtorno dismórfico corporal e transtornos alimentares: uma revisão sistemática. *J Bras Psiquiatr*. 59(1): 65-69. <file:///C:/Users/LISCIA/Downloads/38673-145322-2-PB.pdf>.
- Carvalho, P. H. B., Filgueiras, J. F., Neves, C. M., Coelho, F. D. & Ferreira, M. L. C. (2013). Checagem corporal, atitude alimentar inadequada e insatisfação com a imagem corporal de jovens universitários. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*. 62 (2), 108-114.: <http://www.scielo.br/pdf/jbpsiq/v62n2/v62n2a03.pdf>.
- Pinto AA, Claumann GS, Cordeiro PC. & Felden EPG, (2017). Barreiras percebidas para a prática de atividade física entre universitários de Educação Física. *Revista Brasileira de Atividade Física* 22(1), 66-75. https://www.researchgate.net/publication/315852222_Barreiras_percebidas_para_a_pratica_de_atividade_fisica_entre_universitarios_de_Educacao_Fisica.
- Sousa, T. F. (2011). Inatividade física em universitários brasileiros: uma revisão sistemática. *Revista Atenção Saúde*. 9(29), 47-55. http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_ciencias_saude/article/viewFile/1293/1064
- Alves, T. A., Lira, A. C. S. & Pachú, C. O. (2021). Aspectos biopsicossociais relacionados ao consumo de tabaco entre universitários: Uma revisão integrativa. *Research, Society and Development*, 10 (7), e11210716250, <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i7.16250>
- Camargo, E. C. P., Gonçalves, J. S., Felipe, A. O. B., Fava, S. M. C. L., Zago, M. M. F. & Dázio, E. M. R. (2017). Significado da droga entre universitários e a sua interface com as políticas públicas. 2019;15(4),1-2. <http://www.revistas.usp.br/smard/article/view/163950>.
- Hultgren, B. A., Cleveland, M. J, Turrisi, R. & Mallett, K. A. (2014) How estimation of drinking influences alcohol related consequences across the First year of college. *Alcohol Clin Exp Res* 38(4), 1160-6. <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3984364/pdf>.

Martins, I. N. S. (2015). Avaliação dos fatores de risco para doenças cardiovasculares em adolescentes e adultos jovens do distrito federal. Universidade de Brasília.

Magnavita, A. C. M. (2016). Gestão de riscos na segurança universitária: uma abordagem na Universidade Federal da Bahia, Campus Ondina.

Simões, A. V., Penna, L. H. G., Rodrigues, V. P., Carinhonha, J. I., Pereira, A. L. F. & Machado, J. C. (2019). Relações afetivas íntimas de jovens universitários: narrativas de estudantes de enfermagem. *Rev Enferm UERJ*. 27:e34355.